

um bilhão, setenta e nove milhões, duzentos e cinquenta e dois mil, oitocentos e quarenta e nove quilômetros. pelo amor e memórias que habitam nas páginas de um velocista e sua família ao alcançar a velocidade da luz.

um romance de **walter cavalcanti costa**

## ***Vinicius Gomes Pascoal\****

---

\*É licenciado em Letras (Inglês/Português) pela UPE (2011). Especialista em Tradução (2012). Mestre em Teoria da Literatura pela UFPE (2015). Possui aperfeiçoamento em: Língua Inglesa, pela Universidade de Oregon (2015); Pensamento Computacional, pelo Google for Education (2015); Filosofia, pela Cornell University (2015); Comunicação, pela Universidade de Hong Kong (2015); Literatura, pela Harvard & Vanderbilt (2015); Liderança Inclusiva, pelo Catalyst (2015) e Boston University (2016); Ciências Políticas, pela Delft University of Technology, ETH Zürich, e Massachusetts Institute of Technology – MIT (2015 & 2019). Atualmente é tradutor freelancer na APPEN, pesquisador no NELI-UFPE, e professor convidado no programa de pós-graduação em língua inglesa da Universidade de Pernambuco – UPE e no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. E-mail para contato: [vinicius.pascoal@icloud.com](mailto:vinicius.pascoal@icloud.com).

Esta exploração espacial foi realizada através sondas robóticas tripuladas no *spacecraft* nacional batizado de — O Velocista, fabricado pela editora CEPE, lançado ao espaço em 2018, cujo projeto final é composto por 346 páginas em sua versão digital e 203 páginas no projeto impresso.

Durante um novo período de incertezas e inconstâncias que germina na literatura nacional, nem sempre a ficção se deixa passar despercebida. Jô Tadeu Tábua, um homem ou uma nação? As aventuras desse personagem espacial estão eternizadas no terceiro livro, primeiro romance do pernambucano Walter Cavalcanti Costa.

Numa breve retrospectiva: tive a oportunidade de mergulhar no romance vencedor do V Prêmio CEPE de literatura ainda em 2017. Nessa ocasião estava de posse da versão do autor, na qual o brilhantismo textual recebe tonalidade intersemiótica pelas ilustrações manuais. Infelizmente as ilustrações foram removidas na edição lançada pela CEPE. Se compararmos são dois romances, com o mesmo final. Uma intervenção editorial (des)necessária, mas todos sabemos que o som não se propaga no espaço. Isso acontece porque o espaço é composto por um vácuo perfeito. Apenas gases como hidrogênio e hélio ou minúsculas partículas de metal conseguem vagar pelo cosmo. As memórias de Jô Tadeu Tábua no espaço se traduziram em imagens e essas ficaram espalhadas pela viagem intergaláctica. Para o bem ou para o mal só o tempo dirá, pelo menos a genealogia do velocista conseguiu vencer uma batalha: a arquitetura de sua capa. Um aventureiro sobe a

rampa ao tom de azul do multiverso, que aplaca ao fundo a materialidade terráquea do concreto.

Na primeira ocasião encarei o livro numa dinâmica temporal, mais elástica, e na mesma espaçonave de Jô (o João Tadeu Pai e Carolina Vásquez) levei aproximadamente 9 meses para encerrar a leitura. Neste mesmo tempo convertido a nave-livro conseguiria sair do nosso planeta Terra e chegar até Marte. Se tivesse sido mais dedicado, completando a leitura em 7 meses, a viagem equivaleria a distância da Terra até Vênus, infelizmente não foi possível alcançar uma leitura de 20.000 km/h tendo em vista o cotidiano onde pululam reviravoltas no enredo da terra de Vera Cruz.

Noutro aspecto, num tornado de texto e pictograma, O velocista herda os experimentos apresentados noutro livro de Walter intitulado Entressafra 89 (2011). Escrito durante sua passagem pela Universidade de Pernambuco, na Mata Norte pernambucana, a entressafra é trabalhada por ilustração envolvida de logocentrismo. A quem tiver a oportunidade, fica o convite de comparar as duas obras supramencionadas. Em tempo, a edição da CEPE vai dificultar um pouco mais a tarefa de estabelecer um diálogo entre os dois livros, mas não inviabiliza a viagem entre esses universos paralelos.

Durante o processo de leitura não se pode ignorar as margens de percepção crítica que radiam uma harmonização entre O Velocista e as produções de Joca Rainers, Brisa Paim e quem sabe, salvo as devidas e cirúrgicas proporções, das antológicas Sei Shōnagon e Murasaki Shikibu.

Particularmente encontrei críticas na troposfera e estratosfera do livro (em revistas, blogs, suplementos culturais diversos). Nenhuma dessas tentou remeter a tessitura do velocista a um passado mais primordial da literatura que efetivasse o registro do cotidiano. Na antiguidade, desde primeiro século antes de Cristo, a humanidade utilizava papiros vinculados em códex manuscritos. Esses objetos da literatura também serviam para a jogatina, embora o caso demonstre mais semelhança com uma versão de divinação portátil, onde os leitores abriam uma página do papiro de maneira aleatória e em seguida escolhiam um excerto para efetivar a leitura. A passagem contemplada representaria o futuro do seu leitor. Entretanto, caso a passagem selecionada neste ritual fosse truncada o processo deveria se repetir até alcançar sucesso. Este tipo de prática recebeu o nome de *Sortes Virgilianae*. Logicamente a Eneida, de Virgílio, servia de oráculo portátil de uso pessoal com mais popularidade na época. Seria (in)justo listar todos os críticos e dizer que nenhum deles sorteou uma passagem na qual o cosmonauta brazuca transitasse numa via láctea de gratidão com asteroides de bonança sentimental. Olhando por este aspecto a tecnologia das assistentes pessoais inteligentes parece um tanto ultrapassada.

No Velocista a tríade de Jô's consegue ultrapassar a exosfera tradicional (repetitiva e cansativa, talvez ainda inspirada pelos clássicos) que circula pelo *milieu* crítico-literário de microcosmos distantes. Torna-se empobrecedor o sorteio de excertos para exercícios de *new criticism* onde a "leitura atenta" possa exemplificar fragmentos da

estrutura narrativa, das personagens, do tempo, do espaço, do foco narrativo, do drama, do clímax e qualquer outra etiquetagem. Nos resta aceitar a entrada num traje espacial supertecnológico pressurizado que possibilite sobreviver no espaço desta espaçonave-leitura.

Quem sabe o interesse de Jô Tábua (o Jô Filho) nunca tenha sido experimentar o cultivo de grãos de *phaseolus vulgaris* fora do planeta dos terráqueos, mas sim implantar um regime de memórias no Jô Neto. Essas memórias vão desde causos de família até a(s) crítica(s) severamente ácidas ao sistema artístico-erudito que é repetitivo e conhecido pelos leitores. Todos os astronautas são alertados pela NASA que o refluxo ácido é algo incomum no espaço. Infelizmente o Jô Neto reconhece que dentro os vinte por cento da população mundial se encontrava o Jô astronauta, que por sua vez não foi cauteloso em trazer remédios que pudessem amenizar o mal gastroesofágico.

Entre o vácuo perfeito e o zero absoluto nada pode ser ouvido, o som não se propaga, o nível de entropia é reduzido ao valor mínimo e qualquer movimento molecular inexistente. Não sobram margens para velocidade ou futurismo, a criação não é um processo senão uma conquista. Ele não. Ele detesta citações longas, prefere ações, acontecimentos. Repete. Fora da órbita da ficção científica as memórias vagam em meio ao espaço interestelar sem gravitar outros astros.

## Referências

COSTA, Walter Cavalcanti. *O velocista*. 1. ed. Recife: CEPE, 2018.